



## **Alberto Dines e uma nova perspectiva de jornalismo<sup>1</sup>**

Raíssa Benevides VELOSO<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo caracterizar uma perspectiva de jornalismo que Alberto Dines sugere em seu livro “O Papel do Jornal e a Profissão de Jornalista”. Para isso, analisarei como os fatores da crise do jornal impresso na década de 1970 contribuem para a formulação de uma nova tendência de fazer jornalismo que observamos na atualidade. Esta é proposta aqui como outra concepção de jornalismo impresso, baseada em características já sugeridas por Dines, em consonância com outros teóricos da Comunicação, voltada para o jornalismo mais analítico e menos superficial.

### **Palavras-chave**

Alberto Dines; jornalismo; perspectiva; jornal.

### **Introdução**

*“Precisamos de um novo espírito questionador que torne nossos veículos – tanto no conteúdo quanto na forma – vivos e renovados”. (DINES, 2009)*

“O Papel do Jornal e a Profissão de Jornalista” é um livro de 1974, escrito por um dos jornalistas mais conceituados do Brasil, Alberto Dines. O livro está na sua nona edição e, por mais que tenha sido publicado há 37 anos, ainda é considerado atual. Isso porque Dines (2009) parte da crise do papel que afetou as empresas jornalísticas na década de 1970 para discorrer sobre a função social do jornalista e do jornal.

Escrito na efervescência da primeira metade da década de 1970, com a crise do petróleo moldando o panorama mundial e a ditadura militar concebendo o destino do Brasil, “O Papel do Jornal” tem um embasamento histórico que contextualiza, mas não limita. O texto transcende as circunstâncias do período e se mantém atualizado pelo conteúdo crítico que Dines dirige à atuação dos profissionais e das empresas de Jornalismo.

Coerente com a opção adotada nas versões anteriores, esta edição de *O*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social do ICA-UFC, email: raisset@gmail.com



*papel do Jornal* pretende ser um registro dos registros. Flagrante de uma evolução. [...] A intenção é recuperar a história, percorrer a linha do tempo, não para atender a nostalgias, mas para recuperar uma evolução. (DINES, 2009, p. 25)

O texto de Alberto Dines não se desatualizou, talvez, pela iniciativa precursora deste jornalista de discutir a comunicação nos veículos midiáticos. O próprio “O Papel do Jornal” foi elaborado a partir da última edição, que não chegou a ser publicada, dos “Cadernos de Jornalismo”, incluso no *Jornal do Brasil*, do qual Dines foi editor-chefe.

Os “Cadernos de Jornalismo” foram concebidos pelo jornalista para ser um espaço de reflexão sobre a comunicação dentro do próprio jornal, apontando os erros cometidos nas edições anteriores do *Jornal do Brasil*. Proposta inovadora para a época, os Cadernos contribuíram para a criação do *media criticism*, seguido por outros veículos midiáticos do país.

Em “O Papel do Jornal e a Profissão de Jornalista”, Alberto Dines expõe o enfraquecimento do modelo tradicional de fazer jornalismo impresso por meio de uma narrativa histórica que aponta as causas da crise do jornal. Ao contrário de ter um olhar apocalíptico sobre o futuro dos jornais, o autor sugere que as saídas para a reformulação de um jornal impresso mais contextualizado ao nosso tempo estão relacionadas a uma produção mais especializada, analítica e regional.

### **A trajetória de Dines**

Alberto Dines tem quase sessenta anos de carreira como jornalista. Nascido no Rio de Janeiro, em 1932, não concluiu os estudos básicos, tendo largado a escola no período do Ginásio, atual Ensino Médio, devido ao compromisso com o movimento socialista, judeu e antiburguês, que pregava que o diploma era um valor da burguesia (DINIZ, 2010, pág. 4).

No início da década de 1950, começou a publicar na imprensa através de críticas de cinema que produzia para a revista *Cena Muda*. Em 1952, Dines passou a escrever para a revista *Visão*, onde vivenciou o ambiente de redação pela primeira vez. Entrou como repórter de assuntos culturais e depois passou a cobrir o Itamaraty. Foi trabalhar na *Manchete* como repórter e, meses depois, foi nomeado assistente de direção.



Ainda na década de 1950, trabalhou na direção dos jornais *Última Hora*, de Samuel Wainer, e *Diário da Noite*, de Assis Chateaubriand. Em ambos os casos, o convite foi feito a Dines na tentativa de solucionar os problemas pelos quais esses jornais estavam passando. No *Diário da Noite*, o jornalista foi responsável por uma ousada série de mudanças estruturais, rendendo-lhe, em 1962, o convite para ser editor-chefe de um dos maiores periódicos do país, o *Jornal do Brasil*. (DINIZ, 2010, pág. 7)

O dono do *JB* à época, Manuel Francisco do Nascimento Brito, desejava implementar uma reforma na publicação e, para isso, incumbiu Alberto Dines e Odylo Costa Filho de planejar e executar as mudanças. Nos quase doze anos que Dines passou no *JB*, várias alterações aconteceram sutilmente no jornal, tornando-o referência para outros periódicos do país naquele momento. Foi nesse período que surgiu, nos jornais brasileiros, o Departamento de Pesquisa, a divisão da redação em editorias, a sistematização das reuniões de pauta e a criação dos “Cadernos de Jornalismo”, mais tarde “Cadernos de Jornalismo e Comunicação”, o espaço para crítica interna do *JB*.

Demitido em 1973 por pressão do regime ditatorial, Dines trabalhou ainda como editor-chefe da sucursal da *Folha de S. Paulo* no Rio de Janeiro, onde criou o “Jornal dos Jornais”, também com objetivo de avaliar a produção jornalística. Alberto Dines foi ainda diretor do grupo Abril em Portugal, assinou uma coluna no *Pasquim* e escreveu quinze livros, entre ficções e não-ficções.

Como professor, iniciou lecionando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e foi professor visitante da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Participou em 1993 da fundação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas, de onde é atualmente pesquisador sênior e coordenador do Observatório da Imprensa. (DINIZ, 2010, pág. 11)

### **A crise dos jornais**

Em “O Papel do Jornal e a Profissão de Jornalista”, Alberto Dines discorre sobre a crise do papel de imprensa. Mais do que apresentar as causas desse problema, Dines expõe a crise dos jornais dentro de uma conjuntura muito maior, inserida em um contexto globalmente conturbado:

Estamos vivendo não apenas uma, mas várias crises concêntricas. A humanidade reacerta seu curso, seu ritmo e, por isso, tudo e todos estão sendo afetados. O núcleo desse sistema é a *valorização do valor* em detrimento da *valorização da qualidade*. A sociedade pós-industrial



resultou apenas em uma sociedade montada sobre o consumo, isto é, o desperdício. (DINES, 2009, p. 50)

A sociedade de consumo que foi estimulada após o fim da Segunda Guerra Mundial sofreu grande abalo quando, no começo da década de 1970, o preço do barril de petróleo sofreu um aumento de 400% no preço<sup>3</sup>. Em uma sociedade estruturada pelo baixo preço do petróleo, uma variação desta proporção acarretou crises em vários setores sociais e econômicos, inclusive no custo final do papel de imprensa.

A crise do papel, porém, não se deu somente em decorrência da crise do petróleo. Como esta, aquela é consequência do conjunto circunstâncias que culminaram em uma situação de colapso. Alguns dos elementos que contribuíram para a crise do papel de imprensa foram o grande aumento do consumo mundial de papel; o rigoroso inverno no Canadá, em 1973, que prejudicou o corte de árvores; a inflação nos países desenvolvidos; o maior controle ambiental e as greves ferroviárias e nas fábricas de papel no Canadá, um dos maiores produtores mundiais de papel (DINES, 2009, p. 51).

A crise dos jornais, entretanto, não se deu somente pelas dificuldades na obtenção do papel de imprensa. Com os atuais recursos tecnológicos disponíveis à sociedade, a dependência do jornal impresso para se ter acesso à informação é cada vez menor. Se antes era necessário esperar até a manhã do dia seguinte para saber através do diário o que aconteceu, hoje basta *logar* no *Twitter*<sup>4</sup> para ter conhecimento em tempo real do que está acontecendo pelo mundo. O jornal viu surgir o rádio e a televisão no século XX e vê agora a ampliação dos recursos da Internet.

Além de processarem a informação em tempos distintos dos meios tradicionais, os canais de comunicação virtuais estão possibilitando que cada pessoa busque a informação que lhe interessa. Se no rádio, na televisão ou no impresso a audiência encontra a informação que foi selecionada por profissionais da mídia para uma grande massa, na Internet é possível procurar somente informações ligadas ao interesse do usuário, segmentando a antiga audiência.

### **Três tempos da comunicação**

“A história se altera em movimentos pendulares e a comunicação se desenvolve,

---

<sup>3</sup> Portal InfoEscola, acesso em 03/12. <http://www.infoescola.com/economia/crise-do-petroleo/>

<sup>4</sup> Rede social na Internet, em formato de *microblog*, na qual os usuários se comunicam por mensagens de até 140 caracteres.



ao longo dela, de forma idêntica” (DINES, 2009, p. 59). Alberto Dines, sempre associando o jornalismo à história, aplica o princípio de desenvolvimento pendular à comunicação. Assim, afirma que todo veículo midiático passa por três tempos distintos.

Os três tempos da comunicação expostos pelo autor são, na verdade, a aplicação da teoria de tese, antítese e síntese de Hegel:

O primeiro [tempo] ocorre quando se inventa ou se aperfeiçoa o veículo; nesse momento ele é seletivo, porque desconhecido. Depois de divulgado o seu uso, torna-se massificado para, finalmente, em nova fase, e evitando o desgaste, acomodar-se e conter-se outra vez. (DINES, 2009, p. 59)

Se analisarmos o que aconteceu com o jornal impresso ao longo da história, perceberemos que ele surgiu em um modelo limitado de produção e, a partir do aperfeiçoamento dos tipos móveis por Guttenberg, se encaminhou para uma indústria de massa. Entretanto, a partir da Segunda Guerra Mundial, o movimento de expansão passa a tomar a direção oposta e o jornalismo volta a se encaminhar para um direcionamento mais íntimo.

A mídia tradicional estava fabricando produtos. Eles precisavam de economias de escala para justificar os custos de seus meios de produção – uma máquina de impressão ou equipamentos de transmissão. E assim o jornalismo se tratava de criar algumas mensagens destinadas a alcançar muitas pessoas. Mas com o aumento do número de canais pela tecnologia, a nova economia da informação suporta mais conteúdo especializado – muitas mensagens, cada uma atingindo um número menor de pessoas. Isso significa que, como público, nós temos menos experiências comuns que constroem valores comuns. (MEYER, 2011)

A partir de agora, com o excesso de informações possibilitado pelos múltiplos canais de comunicação, os veículos tradicionais tentam achar caminhos que não os façam cair na obsolescência. Nesse sentido, não é tentando superar a rapidez e/ou a quantidade de leitores dos outros meios que fará do jornalismo impresso uma mídia atualizada. Também não é ampliando o seu rastro de abordagens e o volume de informações produzido diariamente que tornará um jornal mais lido.

Nessa perspectiva, Philip Meyer (2007) compara o processo histórico pelo qual o jornalismo tem passado ao curso histórico do setor alimentício. Em 1947, logo após a Segunda Guerra Mundial, a agricultura representava US\$ 20,2 bilhões do produto interno bruto estadunidense, enquanto o processamento de alimentos somava US\$ 9,3



bilhões. A partir de 1983, entretanto, o valor econômico gerado pelo processamento superou a soma da agricultura, sendo este responsável por US\$ 80,6 bilhões e aquele, US\$ 123,7 bilhões do PIB dos EUA em 2001 (MEYER, 2007, p. 242).

Possibilitado pelo avanço tecnológico, a grande questão da indústria não é mais ter ou não ter a matéria-prima alimentícia. A maior produtividade dos campos agrícolas desloca o pensamento para como se dará o processamento dos alimentos:

Os consumidores não estão mais preocupados em ter o que comer, como os agricultores de subsistência do século XIX. Agora eles pensam no sabor, na textura e nos nutrientes dos alimentos, e até mesmo na conveniência de suas embalagens. (MEYER, 2007, p. 242).

No setor da comunicação já há abundância de matéria-prima, no caso, de informação. Assim como a indústria alimentícia, a grande saída para as empresas jornalísticas não é competir com o fluxo de informações lançadas pelas outras mídias, mas tornar seu produto mais atraente, mais bem editado. Pensar no sabor e na textura da notícia, por exemplo, possibilita um texto mais bem acabado, menos superficial e mais bem apresentado ao consumir final, o leitor.

### **Nova perspectiva de jornalismo**

Em termos gerais, apontar uma nova perspectiva de jornalismo a partir das mudanças propostas por Alberto Dines (1974) em sua obra é, na verdade, sugerir a retomada da qualidade do jornal. E por qualidade do jornal não se entende um requinte visual no projeto gráfico ou um rebuscamento da linguagem.

Este país já teve uma imprensa melhor em qualidade intrínseca, cultural. E, quando falo isso, não me refiro a artes e espetáculos, mas à cultura no sentido mais amplo e abrangente da palavra. Informação é cultura, integrar o leitor no contexto da informação é fazer jornalismo cultural, mesmo que se esteja tratando de um acidente de trânsito. Colocar o leitor dentro do acontecimento é inseri-lo no mundo, pô-lo à altura do mundo. (DINES, 1996, p.22)

Dentro desse processo de requalificação, outro aspecto exposto por Dines seria o da revalorização do jornal. “Um jornal mais caro será mais valioso e, por isso, mais defendido, querido, respeitado e importante” (DINES, 2009, p. 56). O preço atual das publicações diárias é ínfimo a ponto de mostrar para os leitores que não é ele que paga



pela isenção e imparcialidade do jornal, mas é o anunciante que financia uma publicação comprometida com interesses econômicos.

Assim, um jornal de qualidade, imparcial e isento seria entendido como uma mercadoria mais valiosa e o custo mais alto se explicaria. Além disso, Dines (2009) propõe que haja uma escala de preços, justamente para que as publicações possam atender a toda a sociedade. Fazer um jornal popular, e assim alcançar às classes operárias, por exemplo, não é fazer um jornal de qualidade inferior, como estamos acostumados a ver no Brasil, mas expor para o público as informações essencialmente relevantes.

Após a crise do papel de imprensa e o aumento dos preços deste, os jornais não podem mais se dar ao luxo de publicar tudo o que querem: é necessário selecionar as informações. Com o advento e popularização da Internet é possível, também, que a antiga audiência procure o que lhe interessa, no seu tempo. Como foi posto anteriormente, estamos no terceiro tempo do jornalismo impresso: acomodação a públicos restritos.

Com a popularização do rádio e da televisão no século XX, o impresso perdeu o papel de “furar” e dimensionar os fatos: esperava-se o jornal da manhã seguinte para saber com detalhes e aprofundamento o que havia acontecido. A criação de novas tecnologias, entretanto, não tem extinguido as mídias anteriores, e sim acarretado mudanças na atuação desses meios. Marshall McLuhan (1964) afirma que cada nova tecnologia cria um ambiente novo para o homem, fazendo com que este reprocessasse as tecnologias anteriores<sup>5</sup>.

Da mesma forma que a televisão não fez com o rádio sumisse, a Internet não fará com que o jornal impresso desapareça. O que observaremos, na verdade, é uma adaptação dos meios às novas realidades e aos novos perfis de público que agora os acompanham. Já é notável jornais provocando mudanças editoriais e gráficas, alguns no sentido de acompanhar as tendências trazidas pelo mundo virtual e outros, de forma mais perspicaz, tentando achar o caminho de inovar e buscar diferenciais em relação ao texto da Web.

Numa perspectiva histórica, pode-se afirmar que nenhum veículo novo

---

<sup>5</sup> McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.



matou o anterior. Houve rearranjos, ampliação ou redução de espaços, mas a coexistência entre os meios sempre prevaleceu. Contudo, as novidades prometem um novo cenário. (MORENO, 1996, p. 113)

Traçadas as circunstâncias do cenário atual que devem se intensificar, é cada vez menos lógico que os jornais continuem sendo publicações numerosas destinadas falar de tudo um pouco. A tendência do impresso é utilizar das mesmas informações que estão disponíveis à sociedade através de outros meios para aprofundar a abordagem e propor novas análises.

A questão é: *onde está a informação que nos interessa de fato?* Como selecioná-la, para cada público? Tal desafio vem produzindo mudanças extraordinárias no papel daqueles que são provedores dela. Quem, até aqui, era apenas uma empresa de comunicação de massa percebeu que a tendência é tornar-se fornecedor de informações para mercados cada vez mais segmentados, com diferentes públicos e diferentes necessidades. (MORENO, 1996, p. 114)

Assim, o que se percebe hoje como o mais apropriado para o futuro do jornal é a especialização. Especializando-se, a empresa jornalística tem mais propriedade sobre o quê e como seu público, agora mais restrito, deseja saber e consegue aprofundar-se nas matérias, já que o espaço do jornal não é mais dividido entre o montante de fatos ocorridos.

Quando um jornal decide por ampliar sua cobertura para o âmbito nacional e internacional, acaba por deixar lacunas sobre a situação regional. E, se o público de um jornal quer se identificar com ele ao lê-lo, é óbvio que o local em que ambos estão inseridos deve ser evidenciado na publicação. Dessa forma, uma outra tendência apontada por Alberto Dines (2009) seria a regionalização dos periódicos. Nos Estados Unidos, já há o fenômeno significativo na imprensa dos *provincial papers*, jornais menores de cobertura regional.

O Brasil interiorano e autêntico está descaracterizando sua identidade e recebendo todos os influxos informativos do grande eixo informativo Rio-São Paulo. Perde-se, assim, a possibilidade de desenvolver o jornalismo local, de descobrir valores e problemáticas regionais, de acionar a reflexão da comunidade e das elites. (DINES, 1996, p. 10/11)

### **Jornalismo investigativo**

Em uma ideação do jornalismo mais adequado ao leitor de hoje, Alberto Dines chega à conclusão de que este estaria próximo ao jornalismo interpretativo e ao





jornalismo investigativo (DINES, 2009, p. 108).

Entendemos, aqui, jornalismo investigativo a partir do conceito utilizado por Cleofe Monteiro de Sequeira, no qual jornalismo investigativo é uma prática que se diferencia das demais pelo “processo de trabalho do profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais” (SEQUEIRA, 2005, p. 15). Dessa forma, o caráter investigativo se concretiza pelo debruçamento do profissional em pesquisar sobre o fato examinado, despendendo mais tempo para aprofundar e relacionar as causas e conseqüências deste e para produzir o conteúdo, que vai além do simples relato do fato em si.

Quanto à investigação, não se trata de uma produção exclusivamente com caráter de denúncia, mas que preze por uma análise que aponte as reais explicações do ocorrido, narrando a partir das comprovações do que está sendo evidenciado. Além disso, a maior atividade analítica ofereceria ao leitor maior clareza do assunto tratado e, de forma responsável, apresentaria as várias perspectivas do mesmo episódio, o que é básico ao desempenho do bom jornalismo.

O jornalismo investigativo não é apenas o jornalismo de sensações ou de escândalos. Relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre elas e oferece a explicação da sua ocorrência. (DINES, 2009, p. 110)

Um exemplo de reportagem em que é possível observar essas características investigativas, data de 2 de julho de 1981, quando o jornalista Fritz Utzeri investigou o atentado do Riocentro, no período do Regime Militar no Brasil, no qual dois militares foram vítimas de uma bomba que explodiu no carro em que eles estavam. À época, a versão oficial do governo acusava a esquerda radical de ser responsável pelo atentado, implantando o explosivo no veículo. A investigação do jornalista mostrou, entretanto, que a versão oficial era confusa e não condizente com a realidade.

Em 2 de julho daquele ano, Utzeri publicou no *Jornal do Brasil* matéria intitulada “Teste mostra que seria difícil não ver a bomba no Puma”, na qual contestou a versão do Inquérito Policial Militar. O jornalista utilizou as informações divulgadas pelo Exército, descreveu a cena, reconstituiu as dimensões do veículo, da bomba e da bolsa onde o explosivo estava e analisou as hipóteses para o acontecido, evidenciando que o episódio não poderia ter ocorrido como o dito pelo inquérito. E conclui dizendo:



Colocada no local mostrado pelo desenho, a bolsa se encaixará entre o estribo e o banco, mas a alavanca do encosto fará com que apenas 2 cm fiquem abaixo da altura do estribo. Sobrará um volume com uma altura de 13 cm ou 14 cm acima da linha do estribo e muito acima dos assentos. Seria praticamente impossível não ser percebido por quem entrasse no carro, mesmo no escuro. Além disso, quem entrasse fatalmente esbarraria no objeto ao acomodar-se no banco. Há apenas uma possibilidade de entrar no Puma sem ver o volume: entrar pela porta do motorista. (UTZERI *in* MOLICA, 2005, pág. 285)

### **Jornalismo interpretativo**

Já o jornalismo interpretativo pode ser definido aqui como um jornalismo de contextualização, mais voltado para a narração do fato do que somente para o relato. É um gênero jornalístico que pode se aproximar do jornalismo de opinião, mas que não tem a intenção de valorar o fato, e sim de narrá-lo a partir de seu sentido (BARONI, 2008, pág. 20).

A partir do jornalismo interpretativo, podemos pensar em matérias que não se preocupem tão somente com o factual, mas que procurem relacionar o fato ocorrido à conjuntura do leitor e a um plano mais global. Neste gênero, o profissional busca contextualizar ao máximo o acontecimento, permitindo-se ir além das informações imediatamente perceptíveis.

Aproxima-se do jornalismo investigativo na medida em que exige do jornalista a fuga de um estado de acomodação, no qual as informações são obtidas sem nenhum processo de pesquisa, investigação, análise e comparação.

Dimensão comparada, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro... Jornalismo investigativo (...) relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação da sua ocorrência. (BELTRÃO, 1980, p.45)

É uma forma de fazer jornalístico extremamente rico na abordagem informativa, já que “oferece diferentes ângulos de visão da situação, complementando-as com históricos, depoimentos, dados estatísticos, documentário fotográfico, outras ilustrações, enquadramentos ideológicos, prognósticos”. (BELTRÃO, 1980, p.55)

Aline Baroni (2008), ao analisar a edição brasileira da revista Rolling Stone, descreve uma matéria produzida com as características do jornalismo interpretativo:



Para falar sobre a vida na ocupação e a desocupação do edifício Prestes Maia, em São Paulo, o repórter fugiu da reportagem convencional e fez ainda outros enfoques. Para compor a matéria, o jornalista usou estratégias como: referência à obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo; história do edifício; números e estatísticas; de onde vêm os moradores; descrição quase que literária da situação e das moradias; a relação dos moradores com a imprensa e o destaque que a desocupação vinha tendo na mídia; foi dado destaque para a localização central do edifício e os impactos disso para a vida cosmopolita; o processo de despejo; a ação da polícia; movimentos contra a ação de despejo; o perfil de uma sem-teto; como funciona a ocupação logo que aconteceu a invasão; a biblioteca mantida por um sem-teto no edifício; dados sobre a dívida; a especulação imobiliária em torno do local; revitalização da região; críticas ao movimento sem-teto; o processo “higienista” de limpeza social; apresentação do currículo do secretário de habitação para apresentá-lo como “peixe grande” do mercado imobiliário; o edifício como centro cultural pela presença constante de artistas e o hiato entre essa vida agitada e a vida comum do restante dos moradores; a visita do prefeito ao prédio; a mudança das famílias e as opções dadas pela prefeitura. Mas o principal da matéria talvez sejam dois pontos: primeiro a vida dos sem-teto no edifício e segundo o debate sobre a vida na metrópole e a especulação imobiliária do local. (BARONI, 2008, pág. 34)

Outro diferencial que a nova perspectiva de jornalismo que aqui está sendo pensada traz é a inclusão das impressões do jornalista ao vivenciar o acontecimento. Não seria tornar sensacionalista o fato, mas construir um texto que instigasse a imaginação ou a percepção do leitor, facilitando a compreensão por meio da assimilação.

Alberto Dines (2009) vai apresentar essa característica do que nomeia “nova dimensão do jornalismo contemporâneo” como sendo a inclusão do depoimento pessoal do jornalista. Para ele, não se acrescentaria esse elemento para ser dramático, mas para que a realidade seja mais assimilável.

Um filme sobre os horrores da guerra será uma sucessão de cenas fortes sobre os horrores da guerra. Mas o depoimento de um jornalista, que comporá com suas próprias imagens (fornecidas pelas palavras do repórter) uma descrição forte e indelével do acontecimento. (DINES, 2009, p. 101)

Esse seria outro diferencial do jornalismo impresso em relação às outras mídias. Enquanto a televisão, por exemplo, exhibe uma matéria com imagens já construídas, um texto mais próximo do narrativo possibilita a participação do leitor na construção das imagens, por isso Dines (2009) chama de “descrição forte e indelével”. Para Walter



Lippmann, escritor e jornalista estadunidense, a possibilidade do leitor conceber suas próprias imagens possibilita as diferentes percepções do evento<sup>6</sup>.

### **Diálogo entre Dines e Meyer**

Philip Meyer, pesquisador da área da comunicação, também aponta características para um novo jornalismo impresso que tende a surgir. Em consonância com Alberto Dines (2009), Meyer (2011) sugere que a boa narrativa seja incorporada ao jornalismo tido como tradicional e propõe que haja uma fusão entre o jornalismo de precisão e o jornalismo literário. Assim, surge a “narrativa baseada em evidências”, que “sugere uma boa forma de contar histórias com base em evidências verificáveis” (MEYER, 2011).

É por isso que não é um sonho tão extravagante que o jornalismo com base em evidências, incorporando precisão e narrativa, possa preencher a necessidade por interpretação confiável e seleção da verdade relevante do fluxo eterno de dados. (MEYER, 2011).

### **Considerações Finais**

A crise do papel de imprensa passou, mas os fatores que dificultam a produção de um jornal não deixaram de existir. Na conjuntura atual, o maior questionamento quando se fala de jornalismo impresso é qual será seu futuro diante da expansão das novas mídias.

É fato que mudanças precisam ser feitas na forma tradicional de se fazer jornalismo, o que não condena sua existência. Pensar em uma produção jornalística condizente ao nosso tempo é, na verdade, propor o reposicionamento do jornal na sociedade.

Através do livro de Alberto Dines, “O Papel do Jornal e a Profissão de Jornalista”, a tendência do jornal parece ser tornar-se mais analítico, especializado e que lance um olhar mais para o local em que está inserido junto a seus leitores. Saímos do jornal que tenta cobrir tudo, em todo lugar, e encontramos um jornal mais aprofundado.

O jornal impresso não pode competir com os *sites* de notícias quando nos referimos à instantaneidade de publicação. Estes são, agora, os responsáveis por publicizar em “primeira mão” os grandes furos. Entretanto, a Internet tem como

---

<sup>6</sup> LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.



característica divulgar muitas informações, mas pouco aprofundá-las.

Cabe, então, ao jornal impresso, encontrar-se enquanto espaço de desenvolvimento de um jornalismo mais investigativo, mais interpretativo. Um novo gênero talvez, já apontado por Dines (2009) e conceituado por Meyer (2011) como um “jornalismo baseado em evidências”, seja o início de uma nova perspectiva para o jornalismo impresso, requalificando o jornal e revalorizando o jornalista.

### Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo interpretativo*. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

DINES, Alberto. *O Papel do Jornal e a Profissão de Jornalista*. 9 ed. São Paulo: Summus, 2009.

DINES, Alberto. *Tendências no Jornalismo Brasileiro*. In: Seminário de Comunicação Banco do Brasil. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

MEYER, Philip. *Os Jornais Podem Desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação*. São Paulo: Contexto, 2007.

MOLICA, Fernando. *10 reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MORENO, Júlio. *Jornalismo Online*. In: Seminário de Comunicação Banco do Brasil. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo Investigativo: o fato atrás da notícia*. São Paulo: Summus, 2005.

Outras Fontes:

Perfil de Alberto Dines. Disponível em <<http://revista.brasil.gov.br/personagens/alberto-dines/perfil>>. Acesso em 03/12/2011.

MEYER, Philip. Jornalismo Literário e Jornalismo de Precisão. *Observatório da Imprensa*, ed. 667. 2011. Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_jornalismo\\_literario\\_e\\_jornalismo\\_de\\_precisao](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_jornalismo_literario_e_jornalismo_de_precisao)>. Acesso em 03/12/2011.

DINIZ, Lidiane. *Alberto Dines: polêmico iniciador da crítica de mídia no Brasil*. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/bibliocom/sete/pdf/lidiane-diniz.pdf>>. Acesso em 03/12/2011.

BARBOSA, Regiane Santos. A tentação da superficialidade. *Observatório da Imprensa*, ed. 412. 2006. Disponível em <[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_tentacao\\_da\\_superficialidade](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_tentacao_da_superficialidade)>. Acesso em 30/04/2012.



BARONI, Aline. *Jornalismo Interpretativo*. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2008.  
Disponível em  
< <http://pt.scribd.com/alinebaroni/d/16197555-Jornalismo-Interpretativo> >. Acesso em  
30/04/2012.